

ENTRE A APRENDIZAGEM DA SANTIDADE E A PREDESTINAÇÃO DIVINA. ALGUMAS NOTAS SOBRE A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA EM «VIDAS» DE RELIGIOSAS PORTUGUESAS (SÉCULOS XVII-XVIII)

PAULA ALMEIDA MENDES*

UNIVERSIDADE DO PORTO - CITCEM

paula_almeida@sapo.pt

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar algumas «Vidas» de religiosas portuguesas dos séculos XVII e XVIII, centrando-se nos tópicos utilizados pelos biógrafos quando procedem ao relato sobre a infância das protagonistas. Por outro lado, este artigo procura também mostrar como a valorização das virtudes morais, das práticas espirituais e devotas e do comportamento infantil e juvenil das biografadas reflete a introdução, no domínio da santidade, de uma codificação de modelos que se inscrevem no processo de profunda redefinição da santidade delineado pela Igreja pós-tridentina.

PALAVRAS-CHAVE: Portugal, Séculos XVII e XVIII, Biografias devotas, Santidade.

ABSTRACT: This study aims to analyze some of the «Lives» of Portuguese religious women of the seventeenth and eighteenth centuries, focusing on the topics used by biographers when they proceed to the story about the childhood of the protagonists. On the other hand, this article also seeks to show how the appreciation of the moral virtues, spiritual and devotional practices and behavior of children and young people profiled reflects the introduction, in the field of holiness, of coding models that fall within the process of deep redefinition of holiness outlined by the post-Tridentine church.

KEY-WORDS: Portugal, XVII and XVIII centuries, Devote biographies, Holiness.

1. A partir do final do século XVI, o panorama editorial português assistiu a um surto editorial no que respeita à publicação de «vidas» de santos, beatos, veneráveis ou varões e mulheres «ilustres em virtude». Estas hagiografias e biografias devotas tinham como objectivo a glorificação da personagem em questão, a edificação espiritual e a promoção do culto. Estas obras não traçam a construção de uma personalidade através de uma análise psicológica, mas sublinham os indícios de

* Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Investigadora do CITCEM

um desejo de perfeição, patente desde a infância, que se expande, mais tarde, na escolha do estado religioso e na concretização dessa vocação¹.

Entre as várias questões que dizem respeito à história da biografia antiga, não só pagã, como também cristã, uma das mais interessantes prende-se com o relevo que, na narrativa, os autores atribuem à infância do biografado. Como defende Elena Giannarelli, «la valutazione di quella che possiamo definire come *prima aetas* rappresenta un vero problema nel mondo antico e neppure il cristianesimo sfugge a questa difficoltà: gli stessi Padri non riescono a dare un giudizio univoco sull'argomento ed oscillano fra una visione negativa, di derivazione ebraica e filosofica-classica (il bambino come espressione più immediata della natura umana e quindi peccatore) ed una rivalutazione di stampo neotestamentario, che si attua sul piano simbólico ed è valida per l'adulto che plasma di nuovo in sé il bambino»².

Ao descrever a infância e a juventude das futuras religiosas, os biógrafos tratam, tal como iremos ver, quase sempre os mesmos tópicos: os pais, as práticas espirituais e devotas, o desprezo pelas coisas mundanas e a entrada na vida religiosa.

O *corpus* textual³ por nós estudado é, certamente, um pouco restrito para que

¹ POUTRIN, Isabelle (1987) - *Souvenirs d'enfance. L'apprentissage de la sainteté dans l'Espagne moderne. «Mélanges de la Casa de Velásquez»*, tome XXIII, p. 331-354, esp. p. 332.

² Cf. GIANNARELLI, Elena (1991) — *Infanzia e santità: un problema della biografia Cristiana antica. In Bambini Santi. Rappresentazioni dell'infanzia e modelli agiografici* (a cura di Anna Benvenuti Papi e Elena Giannarelli). Torino: Rosenberg & Sellier, p. 25. No seu estudo *Santi bambini, santi da bambini* (In *Bambini Santi...* — *Op. cit.*, p. 7-24, esp. 11), Anna BENVENUTI PAPI e Elena GIANNARELLI chamam a atenção para a existência de dois planos distintos sobre os quais pode apresentar-se a infância na representação biográfica e hagiográfica da santidade: por um lado, o modelo do «santo bambino», e, por outro, o do «santo da bambino». De acordo com as Autoras, «nel primo caso la vicenda terrena del protagonista si consuma nell'arco di pochi anni, la prima aetas appunto, che deve necessariamente contenere in se stessa caratteristiche tali da giustificare la definizione del piccolo come figura esemplare. Santità e infanzia vengono quindi a coincidere, superando in tal modo la tradizionale valutazione negativa della condizione di puer».

³ Eis o elenco das obras consultadas:

- ALMADA (E.S.A.), Fr. António de (1694) — *Desposorios do espirito, celebrados entre o Divino Amante, & sua Amada Esposa a venerável Madre Soror Marianna do Rosario, religiosa de veo branco no Convento do Salvador da Cidade de Evora. Offerece-os ao Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor D. Fr. Luis da Sylva, Arcebispo de Evora do Concelho de Sua Magestade, &c. Frey Antonio de Almada, Religioso dos Eremitas de Santo Augustinho, na Provincia de Portugal, Lente jubilado na sagrada Theologia*. Lisboa: na Officina de Manoel Lopes Ferreira;

- SANTA MARIA (O.S.A.), Fr. Agostinho de (1701) — *Historia da vida admirável, & das acções prodigiosas da veneravel Madre Soror Brizida de S. Antonio, Filha espiritual singularissima do veneravel Padre Antonio da Conceição, Abadeça do muyto Religioso Convento de Santa Brizida das Madres Inglezas, do sítio do Mocambo em Lisboa; offerecida a senhora D. Juliana Maria de S. Antonio*. Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galram;

- REBELO, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado (1731) — *Vida de Soror Ignes de Jesus, religiosa converso no Convento da Anunciada desta Cidade de Lisboa Occidental, insigne em virtudes, offerecida, e dedicada a Maria Santissima Senhora Nossa debayxo da invocação da Abbadia*. Lisboa: na nova Officina de Mauricio Vicente de Almeyda;

- PACHECO, Pe. Simão Cardoso (1738) — *Vida e Milagres da Veneravel Madre Soror Francisca da Conceição, religiosa exemplarissima no Mosteiro de Santa Clara da Vila de Trancoso*. Lisboa: na Officina de Antonio Pedrozo Galram;

possamos estabelecer uma norma de comportamento infantil ou juvenil; contudo, aquele parece-nos importante para que nos seja possível conhecer e compreender vivências particulares dos projetos, senão de «santidade», pelo menos de vida religiosa, pastoral e até mesmo moral da época dos biografados e/ou dos biógrafos.

Contudo, a comparação dos diferentes relatos poder-nos-á mostrar que todas estas meninas partilharam um desejo intenso e uma tensão obstinada em direcção a uma eternidade pautada pela beatitude e bem-aventurança sobre a qual ouviam falar ou liam e que decidiam perseguir a «perfeição», ou seja, aquilo que na época era perspectivado como sendo a «santidade»⁴. Como sublinhou Isabelle Poutrin, este desejo de «santidade» manifesta-se através de todo um conjunto de acções e de comportamentos, que incluem a aprendizagem da oração e a inculcação de práticas devotas: deste modo, estes relatos testemunham a transmissão de um sistema de representações religiosas destinado, desde logo, às crianças⁵. Assim se difundem as atitudes de piedade e os rudimentos dos dogmas católicos, as práticas ascéticas e os modelos de santidade⁶.

- BELÉM, (O.F.M.), Fr. Jerónimo de (1747) — *Oliveira ilustrada pela vida, e morte da grande serva de Deus Maria da Cruz, Filha da Terceira Ordem Serafica, e natural da mesma Villa de Oliveira, em que se expõem juntamente particulares excellencias da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, com duas respostas apologeticás em defeza da mesma, e em credito da verdade*. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa;

- SANTA MARIA ROSA (O.F.M.), Fr. Bernardo de (1750) — *Espelho de Perfeição, a que se podem ver as almas, que quizerem segurar nos caminhos da vida espirital as grandesas do amor de Deos no exercicio das virtudes, e caminho seguro da Cruz. Composto do crystal da innocente vida da Madre Soror Guiomar Theresa do Cenaculo, religiosa que foy no Mosteiro de Santa Clara de Amarante*. Coimbra: na Officina de Luis Secco Ferreira;

- SACRAMENTO (O.F.M.), Fr. António do (1751) — *Vida da veneravel Madre, e Serva do Senhor Soror Joanna Luiza do Carmelo, Religiosa da Ordem Terceira de São Francisco no Real Mosteiro de Santa Anna de Lisboa*. Lisboa: na Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galvão;

- FRANCO (O.P.), Fr. João (1757) — *Vida portentosa da serva de Deos D. Tomásia de Jesus, Terceira professa da veneravel Ordem de S. Domingos*. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa;

- CHAGAS (O.F.M.), Fr. Bernardino das (1762) — *Compendio da admirável vida da veneravel Maria do Lado*, Lisboa: por Miguel Rodrigues;

- CLEMENTE (C.O.), Pe. José (1763) — *Vida da venerável madre Theresa da Annunciada, religiosa do Convento da Esperança da cidade de Ponta-delgada na ilha de S. Miguel. Dedicada ao Sancto Christo, com a invocação de «Ecce Homo»*. Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno (utilizámos a terceira edição: Lisboa: na Officina que foi de Lino da Silva Godinho, 1824);

- *Vida, e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus, religiosa carmelita descalça do Convento de Santa Teresa do lugar de Carnide*. Lisboa: na Regia Officina Typographica, 1783;

- CÉU, Soror Maria do (1993) — *Relação da vida e morte da serva de Deos a Venerável Madre Helena da Cruz* (transcrição do códice 87 da Biblioteca Nacional, precedida de um estudo histórico de Filomena Belo). Lisboa: Quimera.

⁴ Sobre esta temática, veja-se, para o caso português, CUNHA, Mafalda Ferin (1998) — *A infância e a juventude das religiosas portuguesas do século XVII: um relato convencional*. «Brotéria», n.º 147, p. 327-339; para o caso espanhol, veja-se POUTRIN, Isabelle (1987) — *Souvenirs d'enfance. L'apprentissage de la sainteté dans l'Espagne moderne*. «Mélanges de la Casa de Velásquez», tome XXIII, p. 331-354.

⁵ POUTRIN, Isabelle – art. cit., p. 332.

⁶ Cf. POUTRIN, Isabelle — *Art. cit.*, p. 322.

2. Os pais e o meio familiar

Os autores remontam a narração da vida das biografadas ao tempo antes do seu nascimento, identificando os pais e sublinhando, sobretudo, a fama das suas virtudes e o fervor das suas práticas espirituais e devotas.

Em alguns casos, os biógrafos realçam a ascendência nobre das religiosas, tais como Soror Helena da Cruz⁷, Madre Brízida de Santo António⁸, Madre Joana Luísa do Carmelo⁹, Soror Inês de Jesus¹⁰, Madre Mariana Josefa Joaquina¹¹, mantendo-se assim fiéis a uma longa tradição, segundo a qual santidade e nobreza de nascimento estariam estritamente ligadas. Com efeito, esta tradição, que foi designada por André Vauchez como *beata stirps*¹², devedora da ideia de que santidade e nobreza de nascimento estariam estreitamente ligadas, desenvolveu-se sobretudo ao longo da Alta Idade Média, devido ao aumento do prestígio da nobreza senhorial, e acabou por se tornar num *topos* hagiográfico.

Outras religiosas são de ascendência humilde, mas, em todos os casos, os

⁷ Soror Helena da Cruz, que no século se chamou D. Helena Mascarenhas, nasceu em 1639 e era filha de D. António Mascarenhas, irmão do I Conde de Palma, D. António Mascarenhas da Costa, e de D. Isabel de Mendonça (cf. CÉU, Soror Maria do — *Op. cit.*, p. 133).

⁸ Madre Brízida de Santo António, que no século se chamou D. Leonor de Mendanha, nasceu em 1576 e era filha de Jorge Vaz de Campos e de D. Isabel de Mendanha. «Erão naturaes da Villa de Abrantes; o Pay da familia de Campos, & a Mãe dos Mendanhas, que vierao de Castella para este Reyno em companhia da Excelente Senhora; familia taõ illustre, que della procedeo D. Isabel de Mendanha, Irmã da Avò da Madre Brízida, que fundou o Convento da Esperança de Lisboa (como diz Jorge Cardoso) no anno de 1534, ou como diz a Madre Soror Francisca da Conceição, na relação que escreve da vida desta serva de Deos, Religiosa do mesmo Convento da Esperança, & irmã do Conde de Villa-Nova D. Gregorio de Castello-Branco: que o Convento da Esperança fora fundado em hũa quinta, que Dona Isabel de Mendanha dera à Rainha D. Catherina, & ella à sua Camareira Mòr, que mandando vir da Ilha da Madeyra suas filhas, fundarão aquelle Mosteyro, & que muita parte da fazenda, que hoje logravão, fora de Dona Isabel de Mendanha» (cf. SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Op. cit.*, p. 2-3).

⁹ Madre Joana Luísa do Carmelo nasceu a 28 de Fevereiro de 1715. «Seu Pay foy Thomás Correa de Bulhoens, Cavalheiro Professo na Ordem de Christo, e de antiga Nobreza», o qual faleceu a 21 de Outubro de 1750 «em Casa dos Excellentissimos Condes da Ribeira Grande, cheyo de felices dias, e applaudido na vida, e na morte, por homem de especial Virtude, e conhecida Santidade: dando-se a conhecer ao mundo por ella, como descendente de hum dos Irmãos do Glorioso Santo Antonio, famoso Thaumaturgo Portuguez»; sua mãe foi D. Ambrósia Teresa Gentil de Carvalho e Proença, «dotada de Virtude, e Nobreza, muy semelhante á de seu marido» (cf. SACRAMENTO, Fr. António do — *Op. cit.*, p. 5-6).

¹⁰ Soror Inês de Jesus nasceu em 1642 e era filha de Guilherme Perim (ou Drins) e de D. Catarina de Bié, «nobres pelo sangue, e respeytados pela opulência» (cf. REBELO, Francisco de Sousa da Silva Alcoforado — *Op. cit.*, p. 3).

¹¹ Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, que no século se chamou D. Mariana de Meneses, nasceu em 1702 e era filha de João Gomes da Silva (filho de Manuel Teles da Silva, 1º Marquês de Alegrete, e de D. Luísa Coutinho) e de D. Joana Rosa de Meneses, 4ª Condessa de Tarouca, filha de D. Estevão de Meneses e de D. Helena de Noronha (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (1989) — *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, vol. III, p. 420).

¹² Cf. VAUCHEZ, André (1997) — «“Beata stirps”: sainteté et lignage en Occident aux XIII^e et XIV^e siècles». *Famille et parenté dans l'Occident medieval. Actes du Colloque de Paris, 1974* (organizé par l'École Pratique des Hautes Études; communications et débats présentés par Georges Duby et Jacques Le Goff). Rome: École Française de Rome, p. 397-407, e Idem (1988) — *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge. D'après les process de canonization et les documents hagiographiques*: École Française de Rome, p. 185-287.

seus progenitores, apesar de não serem ricos em bens materiais, são conhecidos pelo seu comportamento virtuoso e devoto: como exemplo, poderemos referir os pais de soror Mariana do Rosário.

Por vezes, os biógrafos concedem uma atenção privilegiada (ao contrário do que era habitual em «vidas» anteriores de santos ou de «virtuosos») a aspectos da vida moral e espiritual dos pais, realçando o seu exercício das virtudes cristãs, as suas práticas devocionais e/ou penitenciais e a frequência dos sacramentos. Os autores conferem, na maior parte das vezes, um maior relevo à figura materna¹³, valorizando o cumprimento das suas obrigações conjugais e familiares, o «cultivo das “virtudes” femininas, desde a humildade e sujeição até à temperança, castidade e caridade», o que «também exigia que ela amasse e temesse Deus, logo que O honrasse com orações e devoções»¹⁴, o que se revela, em alguns casos, determinante para que as filhas venham alimentando o desejo de, mais tarde, tomarem o estado religioso. Este era, aliás, o comportamento feminino preceituado pela literatura doutrinária e moralizante da época¹⁵. Um caso exemplificativo deste «esforço» de conciliação das «obrigações» e das

¹³ No conjunto das «vidas» por nós estudadas, apenas numa, a *Vida, e obras da serva de Deus a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, religiosa carmelita descalça do convento de Santa Teresa do lugar de Carmide*, a figura paterna é aquela que é mais exaltada. Com efeito, conta-nos o biógrafo que João Gomes da Silva, conde de Tarouca, «foi sem dúvida uma das mais abalizadas pessoas em juízo, letras, e virtudes, que houve no seu tempo. Os excellentes dotes de que Deus o enriqueceo, e que seus Pais cuidarão em aproveitar, e aperfeiçoar com boa educação, e com o fazerem applicar ás letras desde logo, (costume louvável, que anda naquella casa como herança) assim se descobrirão nos primeiros annos, que já então dava claras mostras do que ao depois veio a ser». (*Op. cit.*, p. 11-12). O Conde de Tarouca teve uma brilhante carreira militar, tendo sido Capitão da Guarda Real de D. Pedro II na campanha da Beira de 1704 e, posteriormente, general-de-batalha. Na esfera diplomática, os seus serviços também foram relevantes. Enviado a Londres, em missão junto da rainha Ana, obteve que, na liquidação da Guerra da Sucessão de Espanha, Portugal fosse incluído no tratado de paz negociado entre o governo daquela soberana e os de Espanha e França. Em 1710 foi enviado à Holanda e assistiu como plenipotenciário por parte de Portugal à paz de Utreque. As pazes entre Portugal e Espanha só foram ultimadas em 1715 e pouco depois assinava-se o tratado de paz com a França, fazendo este governo várias concessões à Coroa portuguesa, como resultado da habilidade e talentos do conde de Tarouca. O seu prestígio diplomático foi tal que o governo holandês solicitou os seus bons officios como intermediário a propósito duma difícil negociação com a Áustria. Em 1726 assumiu o cargo de embaixador de D. João V em Viena. Foi depois nomeado mordomo-mor da Rainha D. Maria Ana de Áustria e Governador das Armas em 1735 (cf. ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins — *Op. cit.*, vol. III, p. 420). Porém, «de pouco valerão todas estas excellencias, senão fossem acompanhadas das sólidas virtudes, que no Conde resplandão. (...) Trazia sempre o Conde ante os olhos nas suas acções o temor de Deus; e a observância de seus mandamentos (...). Em todas as virtudes foi abalizado; mas na affabilidade, e bondade com que a todos tratava, e na caridade com os pobres foi aventajadamente insigne. Fez sempre muitas, e grossas esmolas. (...) Estando Ministro na Haia fez à sua custa hum Hospital para amparo, e remédio dos Catholicos, e os sustentava. E foi visto de tanta edificação, e tal brado deo esta magnanimidade religiosa, que o Papa Clemente XI lhe agradeceu n'hum honroso breve, que lhe dirigió» (cf. *Vida, e obras da serva de Deus a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...*, *Op. cit.*, p. 18).

¹⁴ Cf. FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (1995) — *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e Espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 338.

¹⁵ Cf. BARBAZZA, Marie-Catherine (1988) — *L'épouse chrétienne et les moralistes espagnols des XVI^e et XVII^e siècles*. «Mélanges de la Casa de Velásquez», tome XXIV, p. 99-137.

«devoções» da «perfeita casada» é o de Maria de Oliveira, mãe da madre soror Mariana do Rosário, que, na sua juventude, desejava tomar o estado religioso¹⁶:

Sugeita emfim às leys do matrimónio, soube mostrar Maria de Oliveira, que se perdera o Convento em quanto à profissão, não o perdeu em quanto à devoção; & em tudo aquillo que as obrigações de casada permittião, se via que seus desejos, & diligencias erão imitar os santos exemplos, que naquellas Religiosas [do convento do Salvador] venerava: assim assistia aos exercícios das virtudes, sem faltar às pensões de seu estado, governando a sua casa com prudência, & a sua consciencia com vigilancia. Pudera-se responder com esta boa mãy de famílias à pergunta que fazia Salamão, quando disse: Hũa molher forte quem a acharà? Pois erão suas acções dignas de ser exemplo de molheres casadas, porque souberão aprender a perfeição em imitações de almas Religiosas¹⁷.

Conta-nos Fr. Agostinho de Santa Maria, biógrafo de Madre Brízida de Santo António, que seus pais foram

pios, devotos, & charitativos; & a Mãy com mais excesso; porque resplandeceo nella com ventagões a virtude da Charidade. (...) As esmolas erão continuas, vestindo cada anno muitos pobres, a outros sustentando-os, & a pessoas recolhidas mandava a quantidade de trigo, que bastasse para seu sustento. Para todos os necessitados era a sua casa amparo, & remédio.

Jejuava às segundas, festas, & sabbados; às segundas em beneficio das almas, de quem era devotissima, & por quem offerecia muitos suffragios. Neste dia não comia mais que huma açorda, & huma laranja, fingindo estava doente; & seu marido admirandose de que esta sua doença lhe repetisse neste dia, dizialhe: Estranha enfermidade, que só vos repete nas segundas feiras. Os Filhos de seus criados, que erão muitos, fazia que todas as noites rezassem a Ladainha, & outras Orações, & aos que melhor o fazião, repartia prémios. Não sofria que mentissem, & se o fazião, também lhe fazia comer confeitos de pimenta, de que estava provida, & assim desterrou de tal sorte, de sua casa a mentira, que todos fallavão verdade.

Morreolhe o marido desenganado como Catholico, & como Christão muito piedoso, tendo para a felicidade de sua morte a hũa virtuosa consorte por

¹⁶ Conta-nos Fr. António de Almada que, vivendo Maria de Oliveira «em o estado de donzella, fizera muito por conseguir o lugar de Religiosa, devido emprego de seu virtuoso animo, se a não tivera o Ceo decretado para outro fim: com este intento vivia como quem se creava para este estado, despresando as galas, com que no mundo se adorna a vaidade, & imitando as virtudes, com que na Religião se exercitão as almas. (...) Agradava a santidade deste Convento [do Salvador de Évora] ao devoto animo de Maria de Oliveira, & prometendo a seu espirito hũa grande felicidade em a companhia de tão exemplares servas do Senhor, lhes pedio com fervor, & instancia a quisessem admittir para Religiosa». (*Op. cit.*, p. 3-4).

¹⁷ ALMADA, Fr. António de — *Op. cit.*, p. 4.

agonizante. Foi esta em Outubro do anno de 1575. Como se amavão muito, assim era justa a sua dor, pagando á natureza o tributo de suas lágrimas, que são os testemunhos mais abonados de hum verdadeyro amor. Ficoulhe hum menino de dous annos, & ella pejada de seis mezes da Menina Leonor. E com a grande pena de se ver privada da companhia de tão bom consorte, não admitia alivio, mortificandose com tal extremo, que desejando hūs bollos, que se costumavão fazer em sua casa, os não quis comer, pondose a perigo de perder a vida, & de perecer a creatura, que trazia em seu ventre, que naceo logo ao outro dia, 6 tão maltratada das mortificações da Mãy, que foi milagre ter vida¹⁸.

Por sua vez, D. Joana Rosa de Meneses, condessa de Tarouca, mãe da Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, foi também

senhora de grandes virtudes. Não excedeo, porque não podia exceder-se, a caridade de seu marido; mas imitou-a completamente. Todos os pobres achavão nella agazalho, amparo, e ternura de mãe. Tomava-lhes para casa as filhas, educava-lhas, e depois as accomodava com decência. Cuidava muito dos que via doentes, e para conseguir que se curasse hum de huma moléstia asquerosa, a que chamavão alporcas, a qual requer cura dilatada, e custosa, o tomou para casa, e ao pai, e a outro irmão (...)¹⁹.

Deste modo, torna-se evidente que alguns destes biógrafos assumem uma atitude favorável em relação ao estado do casamento, em sintonia com os decretos tridentinos, que reafirmaram a sua sacramentalidade, promovendo o exemplo destes pais como um ideal de «bem casados»²⁰, na medida em que estes modelarmente conciliam os deveres de esposos e pais com as práticas espirituais e devocionais.

Extremamente sugestivo é o caso de Bento Álvares e de Isabel Rodrigues, pais da terciária Maria da Cruz, que, «para se aperfeiçoarem mais, e mais no caminho do Ceo com esquecimento do mundo», tomaram o hábito de Terceiros da Ordem de S. Francisco: as suas acções e exemplos acabaram mesmo por exercer uma notável influência sobre os seus cinco filhos, que escolheram também tomar este hábito²¹.

¹⁸ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Op. cit.*, p. 3-4.

¹⁹ *Vida e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus... — Op. cit.*, p. 22.

²⁰ Nesta época, a discussão em torno da questão do matrimónio já não se centrava na polémica entre virgindade/celibato religioso e casamento, mas sim na possibilidade de se alcançar a perfeição neste estado. Deste modo, a confirmação da sacramentalidade do matrimónio levou a que se fosse desenvolvendo «uma espiritualidade do casamento resultante do apelo ao cumprimento dos deveres sociais, morais e religiosos dos casados – em especial aqueles que os autores deste período consideravam e queriam fazer “bem casados”» (cf. FERNANDES Maria de Lurdes Correia — *Op. cit.*, p. 65).

²¹ BELÉM, Fr. Jerónimo de — *Op. cit.*, p. 14-23.

Por outro lado, é importante notar que este discurso panegírico sobre os pais prende-se também com a convicção de que as filhas, protagonistas das narrativas, iriam herdar dos progenitores esta superioridade espiritual: com efeito, não é por acaso que o biógrafo da Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus refere que

Não ha cousa, que mais ordinariamente se observe, do que serem virtuosos os Pais dos escolhidos do Senhor: ou seja isto, porque Deos querendo nesta mesma vida, e promptamente coroar os seus dons, premeia as boas obras dos Pais com lhes dar filhos Santos, que he a maior, e mais sólida gloria, que elles podem ter: ou seja, porque as virtudes dos Pais, mais que toda outra cousa, concorrem para a santificação dos filhos. Porque nem santas instrucções, nem santos exemplos, sem o que não ha boa educação, e he ordinaria a depravação dos filhos, lhes podem dar os Pais, senão forem virtuosos²².

Como seguidamente tentaremos mostrar, a boa educação dada pelos pais, conjugada com a boa inclinação e a predestinação divina das biografadas, ir-se-ão revelar determinantes para que estas encetem um caminho rumo à perfeição e à «santidade».

3. A aprendizagem da «santidade»

3.1. A transmissão familiar dos rudimentos da fé

A educação das religiosas por nós estudadas estava a cargo, desde o primeiro momento, dos pais, nomeadamente da mãe, o que, se por um lado reflecte as orientações defendidas pela literatura moralizante e pedagógica da época, não pode também ser dissociado da evolução que a imagem materna foi sofrendo desde o final do século XV²³. O alvorecer da Época Moderna, com a «descoberta» da criança enquanto um ser diferente do adulto, assistiu ao aparecimento de uma preocupação educativa. Por seu lado, a Igreja católica, nesta época em que a Cristandade se fragmenta, procurou desde logo assegurar a ortodoxia da sua doutrina e transmiti-la às crianças, o que será uma prioridade da qual farão eco alguns decretos adotados pelo Concílio de Trento²⁴. O (fechado) meio familiar

²² *Vida, e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...* — *Op. cit.*, p. 10-11.

²³ Estrella RUIZ-CALVEZ (1992), no seu estudo *Religion de la Mère, religion des mères. Sainte Anne éducatrice: les images de la mère selon l'iconographie de S. Anne* (In *La religion de ma mère. Le rôle des femmes dans la transmission de la foi* (dir. de Jean Delumeau). Paris: Éditions du Cerf, p. 123-155, defende que a evolução da imagem da mãe na sociedade cristã, que desde o final do século XV contribuiu para associar a maternidade cristã à imagem da mãe educadora, foi acompanhada por uma evolução da devoção e da iconografia de Santa Ana, entre os séculos XV e XVII. Veja-se também RUIZ-CALVEZ, Estrella (2000) — *L'obligation d'enseigner et la necessite d'apprendre: l'enseignement familial et l'iconographie de la Sainte Famille*. In *La transmission du savoir dans l'Europe des XVI^e et XVII^e siècles* (textes réunis par Marie Roig Miranda). Paris: Honoré Champion, p. 309-330.

²⁴ Veja-se, a propósito: VARELA, Julia (1983) — *Modos de educacion en la España de la Contrarreforma*. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, p. 175-219; MILHOU-ROUDIE, Anne (1996) — *La formation reli-*

torna-se assim no lugar de uma autêntica aprendizagem de práticas espirituais e devotas e onde a figura materna assume um papel extremamente relevante enquanto educadora.

Quando, no mundo clássico, se escrevia a história de uma personagem extraordinária e não se podia recorrer ao relato de milagres ou prodígios, o método mais utilizado era atribuir ao infans ou ao puer um comportamento que o caracterizasse como maior sua aetate. Trata-se de um corolário do topos do puer senex ou da puella senex, estudados por E. R. Curtius, que analisou a presença deste tema em vários textos bíblicos e o definiu como uma figura dialética que alia à juventude a maturidade do ancião, sendo o reflexo da mentalidade dominante no final da Antiguidade pagã. Este motivo acabou por tornar-se num topos da hagiografia, sobretudo a partir da Antiguidade tardia e da Alta Idade Média, que se mantém, aliás, até aos nossos dias, e que não nos deve causar estranheza, se tivermos em conta que este tópico se enquadrava no propósito da imitação de Cristo, através do paralelismo imediato com o episódio do jovem Jesus que, aos doze anos, assombrava com a sua sabedoria os Doutores da Lei, no Templo, explicando-lhes as Escrituras, relatado no Evangelho de S. Lucas, 2, 41-51²⁵.

Como uma ampla bibliografia já notou, a maior parte dos futuros «santos» são personagens que, desde a infância, não partilham nem das brincadeiras nem dos comportamentos das outras crianças. Desde a mais tenra idade, são já indivíduos sábios e sensatos, que fogem dos jogos e das brincadeiras pueris para se concentrarem na oração, na prática das virtudes e na frequência dos sacramentos. Atentemos na descrição que Fr. Agostinho de Santa Maria nos oferece a propósito de Madre Brízida de Santo António:

Logo que começaraõ a rayar as luzes da razaõ na alma de D. Leonor, & a correr das cortinas de sua infância, que occulta o conhecimento, se descubrio nella hũa recta inclinação, que a guiava ao perfeito; & assim o seu alvedrio ajudado da divina graça era recta direcção para a virtude. Não se conhecerão em D. Leonor em suas meninices overdor inútil dos primeyros annos, porque na madureza de suas operações prevenio a virtude á idade, & era com a innocencia de menina exemplo, & admiração aos mais velhos. (...) Desde seus tenros annos

gieuse des enfants au XVI^e siècle: le «bagage de base». In *La formation de l'enfant en Espagne aux XVI^e et XVII^e siècles* (sous la direction d'Augustin Redondo). Paris: Publications de la Sorbonne, p. 297-309; CRÉ-MOUX, Françoise (1996) — *La formation religieuse de l'enfant par transmission familiale au XVI^e siècle: le témoignage des «relations de miracles».* In *La formation de l'enfant en Espagne aux XVI^e et XVII^e siècles* (sous la direction d'Augustin Redondo). Paris: Publications de la Sorbonne, p. 311-325.

²⁵ Veja-se, a propósito, FESTUGIÈRE, A. J. (1972) — *Lieux communs littéraires et thèmes de folk-lore dans l'hagiographie primitive.* In *Études de religion grecque et hellénistique.* Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, p. 271-301, esp. 285-290; RIEVAULX, Aelred de (1958) — *Quand Jésus eut douze ans* (int. et note critique de Dom Anselme Hoste, O.S.B.; trad. Française de Joseph Dubois). Paris: Éditions du Cerf.

*começou D. Leonor a entabolar o exercício das virtudes, & isto com tal concerto, & discrição, que mais parecia nas suas operações velha, que menina*²⁶.

Insistentemente exaltadas pelos autores são as virtudes morais das biografadas (humildade, obediência, castidade, modéstia, penitência, desprezo do mundo) acompanhadas pelo fervor da oração das suas devoções (e, em alguns casos, até por mortificações corporais) e solidificadas pelas virtudes teologais e pela frequência dos sacramentos, o que parece resultar mais de propósitos concretos do que da sua absoluta importância para a caracterização destas meninas. De facto, a maior parte das «vidas» de santos, beatos, veneráveis ou «virtuosos» anteriores haviam há muito institucionalizado as referências à precocidade e aos indícios que, na infância, puerícia e juventude, apontavam para a excecionalidade moral e espiritual dos biografados e que os tornavam merecedores de favores divinos. Efetivamente, a educação religiosa que estas futuras religiosas receberam, conjugada com uma série de «requisitos» que deviam pautar a educação feminina (o recato, o silêncio, a castidade²⁷, a obediência, etc.)²⁸ e eram defendidos pela literatura da época, foram favoráveis ao despertar de um desejo de perfeição e de «santidade». Vejamos alguns exemplos. Fr. Bernardo de Santa Maria Rosa, biógrafo de Madre Guiomar Teresa do Cenáculo, conta-nos que

*A graça de Deos alentou tanto esta creatura, que sem pagar tributo aos sentimentos, que consigo traz a pensão da natureza, nem chorava, nem dava outros signaes próprios daquella tenra idade. (...) Todo o seu cuidado, propêção era attêder para as cousas espirituas, mysterios da sancta Fé, e praticas da grandeza da bondade de Deos, a que se applicava com tanto desvelo, que tudo deixava (e ainda o natural sustento) por ouvir fallar de Deos, e das vidas dos seus sanctos; mas com mais excessu se applicava, e attendia, quando o que ouvia respeitava ás finezas da Payxão do Senhor*²⁹.

A propósito de Madre Brízida de Santo António, relata-nos o seu biógrafo que

²⁶ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Op. cit.*, p. 5 e 8.

²⁷ Donald WEINSTEIN e Rudolph M. BELL (1982), apontando as diferenças que a distinguem das restantes virtudes, defenderam o seu carácter de excelência no âmbito da santidade feminina: «Between the world of the spirit and the world of the flesh chastity was the great divide. No other virtue – not humility or poverty or charity – was so essential to either the performance or the perception of a holy life. (...) The boy or girl who practiced it had to remain virginal, and virginity admitted of no degrees; its loss was irrevocable. While virginity was a physical fact, a state of never having “known” the flesh, chastity was a state of mind, a facet of the Christian mentality pruned to its metaphysical roots» (cf. *Saints and Society. The two worlds of western Christendom (1000-1700)*. Chicago and London: The University of Chicago Press, p. 73).

²⁸ Veja-se BARBAZZA, Marie-Catherine (1988) — *L'éducation féminine en Espagne au XVI^{ème} siècle: une analyse de quelques traits moraux*. In *École et église en Espagne et en Amérique latine. Aspects idéologiques et institutionnels (Actes du colloque de Tours. 4-6 décembre 1987)*. Publications de l'Université de Tours, p. 327-348.

²⁹ SANTA MARIA ROSA, Fr. Bernardo de — *Op. cit.*, p. 2-3.

*antes que pella ternura de sua pequenez pudesse empregarse nos cuidados da almofada, era o seu emprego, por eleyção sua, a lição de devotos livros, & de fervorosas Orações, donde Deos com a luz de suas inspirações illustrava seu entendimento, & inflammava sua vontade com noticias de seus divinos mysterios, & acendidos affectos de sua infinita bondade; & assim em santa singelleza recebia favores do Ceo antes de chegar á idade de os merecer*³⁰.

Outro exemplo ilustrativo é o que nos fornece o Padre Simão Cardoso Pacheco sobre a Madre Francisca da Conceição:

*Costumão os meninos nesta idade [três anos] com mil frias perguntas passar dos limites de curiosos a tocar na raya de importunos; mas a menina, já então avisada, em questões repetidas proferia fervorosas, e maduras discrições Quem creou os Ceos? Quem he Deos? Como nasceo homem? Porque morreo? E semelhantes perguntas são naquella idade os cuidados, e empenhos dos mais bem intencionados, e catholicos meninos; e na bem notória e celebrada repetição, com que Francisca inquiria estes, e outros segredos, logo descubrio o fio de huma rara, e santa inclinação*³¹.

3.2. Práticas espirituais e devotas

Como nos contam os biógrafos, algumas destas meninas experimentaram precocemente elevados favores divinos e todas passaram pelo caminho da meditação e da oração mental. A título de exemplo, referimos o caso de D. Tomásia de Jesus, a quem a mãe ensinou, logo que lhe «amanheceo a luz da razão», «a rezar o Rosario com muita devoção, e obrigava a jejuar em idade tão tenra, que antes de chegar a noite se via Thomazia apertada de dores de estômago»³².

Sobre a Madre Maria do Lado, refere-nos o seu biógrafo que

Havia nas casas de seu pai huma loja com, quatro paredes, sem porta, nem janela alguma mais, que duas frestas altas, e para parte escura: pareceu-lhe accomodada para nella fazer morada como em deserto. Pelo que, depois que trabalhava nas cousas de casa, ou cozia, recolhia-se naquella loja escura, e fechada, onde tinha hum retábulo pequeno de Christo crucificado, com nossa Senhora, e S. João Evangelista: e pondo-se diante de joelhos rezava o Rosario da Senhora, meditando nos mysterios da vida de Christo, com tanto vagar, recolhimento, e devoção, que a poucas Ave Marias rezadas se banhava em lágrimas com tão grande suavidade, que a Divina presença lhe causava na alma, que se ficava

³⁰ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Op. cit.*, p. 6.

³¹ PACHECO, Pe. Simão Cardoso — *Op. cit.*, p. 26.

³² FRANCO, Fr. João — *Op. cit.*, p. 2.

toda admirada, e consolada. E assim gastava muitas horas, rezando o Rosario, e outras muitas devoçoens, pelo grande recolhimento, e socego, que tinha (...).

Confessou a seu padre espiritual que, quando sabia da oração, vinha tão allumiada, e fortificada, que lhe parecia que, se vira diante de si grandes Theologos, e Letrados, com elles disputara á cerca dos mysterios de nossa Fé; e que a todos os Hereges allumiára: e quando vinha de se exercitar neste modo de oração, via que cousa tão fácil he o padecer pelo amor de Deos, que quasi se vinha rindo do pouco, que os martyres fizeram em dar a vida pelo nome de JESUS Christo: e que nenhuma outras pena a acompanhava nestes Divinos effectos, senão ver que só ella não tinha padecido nada³³.

No âmbito da piedade privada, existem espaços fechados propícios ao isolamento e ao retiro, a saber, os oratórios, fruto, ao parecer, da transposição dos ideais monásticos para a vida no mundo³⁴ e que, em alguns casos, eram até engalanados por estas meninas. Em casa da Madre Francisca da Conceição havia «hum devoto Oratorio, onde, como em Coro, se ajuntava muitas vezes no dia a comunidade de toda a família, e alli aprendião todos o que convinha a cada hum»³⁵.

Por sua vez, a Madre Teresa da Anunciada, ao observar que a sua mãe e a sua irmã, D. Joana, «se retiravão a hum lugar separado, e que alli de joelhos gastavão algumas horas em oração mental»³⁶, começa a sentir uma forte curiosidade e um fervoroso desejo de imitação. Deste modo,

se informou do que era preciso para o exercitar. Havida a instrução necessaria, procurou hum aposento o mais retirado, onde posta de joelhos com as mãos orava aos seu modo: e Deos, que a chamava por meio da contemplação a estado mais perfeito, lhe dava a sentir aquellas celestiaes consolações, que communica às almas puras. Humas vezes a achavão banhada em lágrimas; outras em huma profunda suspensão dos sentidos, proferindo ternas e devotas jaculatórias. Neste santo exercicio continuou imitando a sua mãe, e irmã, achando em si inclinação; e nellas hum poderoso exemplo³⁷.

Não deixa de ser sugestivo notar que algumas práticas espirituais e devotas que eram concretizadas na esfera familiar eram fruto da influência exercida por

³³ CHAGAS, Fr. Bernardino das — *Op. cit.*, p. 16-17.

³⁴ Veja-se, a propósito CARVALHO, José Adriano de Freitas (2000) — *Um espaço de oração na Época Moderna. O oratório particular: os usos. E também os abusos?* «Via Spiritus», 7, p. 145-162.

³⁵ PACHECO, Pe. Simão Cardoso — *Op. cit.*, p. 22.

³⁶ CLEMENTE, Pe. José — *Op. cit.*, p. 5.

³⁷ CLEMENTE, Pe. José — *Op. cit.*, p. 5-6.

religiosos, sobretudo missionários, neste meio³⁸. Por exemplo, Isabel Rodrigues, mãe de Maria da Cruz, tratava as « cousas de seus espírito » com o franciscano Fr. João Canicas, tendo sido este o primeiro de quem aquela, « seu marido, e filhos aprenderão as primeiras lições na pratica, e exercício das virtudes. Dava-lhes este Director alguns livrinhos espirituaes, em que achavão matéria para a oração mental, e vocal; e desta sorte se forão instruindo no caminho da perfeição. Bento Alvares lia o ponto, e meditando todos nelle, era igual o aproveitamento. E para que nunca faltasse quem lesse, duas de suas filhas, Anna de Jesus, e Margarida de S. Francisco, aprenderão a ler; e assim se instruíão huns aos outros com tal competência, e fervor, que sendo ainda discípulos, todos parecião Mestres aprendendo bem, e ensinando melhor»³⁹.

Por sua vez, conta-nos o biógrafo da Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus que

*introduzio-se na casa de sua Mãi o fazer-se oração mental em comum: effeito de huma Missão, que por aquelle tempo fazia em Lisboa o Padre Frei Manoel de Deos do Seminario de Varatojo, varão insigne em virtudes, e que com suas pregações fez em todo o Reino grande serviço ao Senhor. (...) Mas quando se começou a praticar em casa este santo exercício, já havia oito annos que D. Marianna nelle empregava todos os dias não pouco tempo*⁴⁰.

Estas «vidas» permitem-nos também conhecer as devoções destas meninas, que eram, aliás, as mais correntes na época: à Virgem Maria, ao Menino Jesus⁴¹, a Cristo. Maria de Lourdes Belchior e José Adriano de Freitas Carvalho apontaram precisamente alguns destes aspectos atrás referidos como caraterísticos da espiritualidade em Portugal entre os séculos XVI e XVII. Com efeito, estes Autores defendem que o cristocentrismo foi uma das mais fortes tendências da espiritualidade portuguesa do século XVII; ao longo deste período, difundiu-se também a interiorização da oração, a prática da oração mental e da comunhão frequente e a devoção a Nossa Senhora⁴².

A Madre Francisca da Conceição era muito devota do Menino Jesus, do qual existia uma imagem no oratório de sua casa e da qual nunca se queria

³⁸ Sobre a importantíssima figura do missionário no contexto da actividade pastoral pós-tridentina, veja-se PROSPERI, Adriano (1995) — «O Missionário». In *O Homem Barroco* (dir. de Rosario Villari). Lisboa: Presença, p. 143-171.

³⁹ BELÉM, Fr. Jerónimo de — *Op. cit.*, p. 14.

⁴⁰ *Vida, e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...* — *Op. cit.*, p. 31-32.

⁴¹ Sobre esta importantíssima devoção da É poça Moderna, veja-se LA ROCCA, Sandra (2007) — *L'Enfant Jésus. Histoire et anthropologie d'une dévotion dans l'Occident chrétien*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.

⁴² Cf. BELCHIOR, Maria de Lourdes e CARVALHO, José Adriano de Freitas — *Portugal (16^a-18^a siècles)*. In *Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique*, vol. 12, 2^{ème} partie. Paris: Beauchesne, cols. 1958-1973.

separar; a mãe, ao notar a afeição e devoção que a menina nutria por aquela,

facilmente conjecturou, que alli batião algumas settas, e se formavão alguns amores: inferio sem violência, que pois a menina assim lhe assistia, della se cativava muito o Menino. E antes que alguma affeição mundana occupasse aquelle tenro coração, se introduzio terceira de tão venturosos amores.

«Ahi tendes, minha filha, (lhe disse a mãy) o vosso Esposado. Tratay vós delle, que eu vo-lo entrego para sempre. Eu vo-lo dou para ser vosso: tende-o com assejo, e limpeza, que também elle vos deseja limpa, e asseada. Assisti-lhe em fim com cuidado, e affecto, que elle também parece vos assiste com desvelo, e saudade»⁴³.

Depois desta oferta, todo o cuidado da Madre Francisca da Conceição era direcionado para o seu Menino Jesus: com efeito, «tudo quanto obrava, vertia em seu obsequio. Os colchoens para o berço, e as camisinhas para o Menino, forão os primeiros ensayos da sua agulha»⁴⁴.

Por sua vez, a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus foi muito devota da Virgem Maria e dos santos⁴⁵.

Parece-nos também sugestiva a descrição que o biógrafo da Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus nos oferece acerca do ambiente recatado e devoto que se vivia em casa dos condes de Tarouca. Com efeito, este autor conta-nos que

Passavão-se annos que não hião fora. Até de Quaresma se desobrigavão muitas vezes em casa, com licença que para o fazerem se pedia. Para outras filhas seria isto prizão insupportavel: porém D. Marianna folgava de não apparecer no mundo, onde ou presenciaria transgressões dos mandamentos do seu Deos, ou exporia o seu coração a ser entrado pelas vaidades delle, ou se distrahiria da interior attenção, que desejava ter ao seu bom Senhor. (...) Visitas inúteis, festas, divertimentos, de cousa nenhuma destas mostrava ter gosto. Nem ainda aquellas funções, que se cohonestão com pretexto de devoção, lhe causavão prazer. Tinha D. Marianna muito juízo, e piedade sólida, e se muitas dellas, principalmente Procissões, então se fazião como algumas d'hoje, não podia deixar de lhe lembrar, que difficultosamente agradará a Deos similhante obsequio»⁴⁶.

3.3. Instrução e leituras

No que diz respeito à instrução e às leituras, esta amostragem de obras por nós estudadas fornece-nos também algumas indicações neste sentido. Algumas

⁴³ PACHECO, Pe. Simão Cardoso — *Op. cit.*, p. 39-40.

⁴⁴ PACHECO, Pe. Simão Cardoso — *Op. cit.*, p. 62.

⁴⁵ *Vida, e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...* — *Op. cit.*, p. 34-35.

⁴⁶ *Vida, e obras da serva de Deos, a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...* — *Op. cit.*, p. 38.

religiosas, como Soror Helena da Cruz, Madre Joana Luísa do Carmelo, Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, aprenderam a ler e a escrever, ao contrário de outras, entre as quais se contam a Madre Maria do Lado, que continuaram iletradas ao longo de toda a sua vida.

Algumas destas meninas, nomeadamente aquelas de ascendência nobre, como Soror Helena da Cruz, Madre Joana Luísa do Carmelo, foram educadas em conventos, tendo estado ao cuidado de uma religiosa que velava e zelava pela sua instrução⁴⁷.

Por seu lado, a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus foi educada por preceptores, como era costume, na época, em várias famílias nobres. As áreas do saber privilegiadas no âmbito da educação destas jovens eram as línguas (francês, espanhol, italiano⁴⁸), o desenho, a música⁴⁹, a dança. Vejamos alguns exemplos. A propósito da Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus, refere-nos o seu biógrafo que

Ouve grande cuidado em se lhe tomarem bons Mestres; e como tinha muita capacidade, e se applicava muito, a ensinarão com facilidade. Fallou em breve tempo, e com propriedade muitas línguas; a saber, a Franceza, Italiana, e Castelhana, e entendia muito bem os livros Latinos. (...) Escrevia tão bem, que a sua letras foi gabada, e admirada, até em Reinos estrangeiros. Não menos insigne era no debuxar. Tocava cravo excellentemente, e cantava muito bem, tinha huma bella voz, e fez na sciencia da musica notaveis progressos. Também aprendeo a dançar, e o fazia bem, com graça, e desembaraço⁵⁰.

⁴⁷ Cf. CÉU, Soror Maria do — *Op. cit.*, p. 135; SACRAMENTO, Fr. António do — *Op. cit.*, p. 8.

⁴⁸ Luís António VERNEY, no seu *Verdadeiro Método de Estudar*, editado pela primeira vez em 1746 (utilizamos a edição de SALGADO JÚNIOR. Lisboa: Sá da Costa, 1952), propunha que as meninas estudassem o espanhol (p. 136). Contrariamente, Fénelon, na sua importantíssima e, de certo modo, pioneira obra sobre a educação feminina, *De l'éducation des filles*, cuja *editio princeps* data de 1687 (seguimos a edição: *De l'éducation des filles* [texte collationé sur l'édition de 1687 avec une introduction et des notes pédagogiques et explicatives à l'usage des institutrices et des instituteurs par Charles Defodon], troisième édition. Paris: Librairie Hachette, 1882], defendia que o estudo do espanhol e do italiano era dispensável: «On croit d'ordinaire qu'il faut qu'une fille de qualité qu'on veut bien élever apprenne l'italien et l'espagnol; mais je ne vois rien de moins utile que cette étude, à moins qu'une fille ne se trouvât attachée auprès de quelque princesse espagnole ou italienne, comme nos reines d'Autriche et de Médicis. D'ailleurs ces deux langues ne servent guère qu'à lire des livres dangereux et capables d'augmenter les défauts des femmes; il y a beaucoup plus à perdre qu'à gagner dans cette étude». (*Op. cit.*, p. 121-122).

⁴⁹ Fénelon era contra o estudo da música, na medida em que não via qualquer utilidade em ensinar as meninas a cantar ou a tocar: «La musique et la peinture ont besoin des mêmes précautions: tous ces arts sont du même génie et du même goût. Pour la musique, on sait que les anciens croyaient que rien n'était plus pernicieux à une republicque bien policée que d'y laisser introduire une mélodie efféminée; elle énerve les hommes; elle rend les ames molles et voluptueuses; les tons languissants et passionnés ne font tant de plaisir qu'à cause que l'âme s'y abandonne à l'attrait des sens jusqu'à s'y enivrer elle-même» (*Op. cit.*, p. 123). Por seu lado, Verney considerava que tocar qualquer instrumento e cantar não pareciam ser necessários às mulheres; todavia, abria uma excepção para as religiosas que poderiam precisar de aprender a tocar órgão e para as «Senhoras Grandes», com o fim de não estarem ociosas (*Op. cit.*, p. 143).

⁵⁰ *Vida, e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...* — *Op. cit.*, p. 40-43.

No que respeita às leituras, os dados fornecidos por estas fontes são muito escassos. É certo que quase todos os biógrafos referem que as futuras religiosas, na sua puerícia e adolescência, liam livros devotos, tal como recomendavam os moralistas e os pedagogos da época, mas, se pretendermos conhecer exemplos de obras ou autores em concreto, estes são praticamente inexistentes. Sabemos apenas que a Madre Brízida de Santo António leu uma «Vida» de Santa Isabel de Hungria⁵¹; a Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus lia livros latinos⁵²; a Madre Teresa da Anunciada, ainda antes de saber, já queria ler os «livrinhos das meditações de Santa Brígida»⁵³. O exemplo de Madre Brízida de Santo António ilustra de forma claríssima como a leitura de «vidas» de santos desempenhou um papel importantíssimo na transmissão e, conseqüentemente, na apropriação de gestos e modelos de santidade⁵⁴: depois de ler na «Vida» de Santa Isabel de Hungria

os favores, que Deos lhe fizera, disse a Nosso Senhor: Se vós meu Senhor me concedereis estes favores, também eu fora Santa. Logo sentio em seu coração como hũa aguda setta, que a feria; & sem embargo de que nunca quiz dizer que favor este fosse, tevese por certo, que foi o dizerlhe nosso Senhor em hum dia de Quaresma: Sempre estarey comtigo; porque teve este dom em perfeitíssimo grão, & nunca perdeo a continua presença de Deos⁵⁵.

A Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus revelava um grande cuidado na escolha das suas leituras: receando que lhe sucedesse o mesmo que a Santa Teresa de Jesus, «com a lição de livros que a distrahião», lia com gosto (e quotidianamente) «livros de piedade» e «só escolhia para ler os que mais a pudessem adiantar no amor do seu Deos, e ajudassem a conservar continua lembrança, e presença do Senhor. Mas talvez que entre estes mesmos livros de piedade, a sua escolha não fosse então a melhor»⁵⁶.

Alguns destes textos remetem-nos para uma piedade marcada pelo terror do pecado e da punição: interiorizadas pelas crianças, estas noções alimentam um sentimento de inquietude para o qual os únicos remédios são a penitência e a evasão em direção ao sobrenatural⁵⁷. Vejamos o que nos conta o biógrafo da

⁵¹ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Op. cit.*, p. 8.

⁵² *Vida, e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...* — *Op. cit.*, p. 41.

⁵³ CLEMENTE, Pe. José — *Op. cit.*, p. 7.

⁵⁴ Veja-se, a propósito, BURKARDT, Albrecht (1996) — *Reconnaissance et dévotion: les Vies de Saints et leurs lectures au début du XVII^e siècle à travers les procès de canonisation*. «Revue d'histoire moderne et contemporaine», 43-2, p. 214-233.

⁵⁵ SANTA MARIA, Fr. Agostinho de — *Op. cit.*, p. 8.

⁵⁶ *Vida, e obras da serva de Deos, a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus...* — *Op. cit.*, p. 32-33.

⁵⁷ Como já realçou POUTRIN, Isabelle – art. cit.

Madre Mariana Josefa Joaquina de Jesus:

Padeceu Dona Marianna desde a sua primeira idade penoso martyrio de escrúpulos, e o padeceo cada vez maior toda sua vida. Não só julgava que merecia o Inferno, mas a cada instante lhe parecia que hia morrer, e cabir naquelles terríveis abyssos. Póde ser que esta doença espiritual a contrahisse na lição de alguns livros, cujos authores persuadidos, que o melhor meio de encaminhar para Deos as almas, he atenuando-as com severidades, rigores, e difficuldades da salvação⁵⁸.

3.4. A entrada na vida religiosa

Estes relatos sobre a infância feminina traçam um itinerário de seleção entre os estados de vida que conduzem à perfeição, em que o casamento é, desde logo, excluído: de fato, a castidade continua, por estes séculos, a ser entendida como a virtude feminina «por excelência» e, como tal, indissociável da percepção da santidade feminina. Deste modo, como realçou Isabelle Poutrin, restam quatro vias que conduzirão à glorificação e à bem-aventurança: o martírio, o eremitismo, o ascetismo penitencial ou místico e o estado religioso⁵⁹.

Nos casos de Soror Helena da Cruz, de Madre Brízida de Santo António e de Madre Teresa da Anunciada, a futura «opção» pelo estado religioso é profetizada por religiosos, quando as biografadas são ainda crianças.

Todavia, nem sempre foi fácil para estas jovens ingressar num mosteiro ou convento e concretizar a sua vocação religiosa. De facto, apesar de alguns pais, como os de Soror Inês de Jesus, terem escolhido para a filha o estado religioso, encontrámos exemplos de outros que se opuseram vivamente à vontade das filhas de se tornarem freiras, o que originou, em algumas situações, tensões familiares. Por exemplo, o pai de Soror Helena da Cruz, D. António Mascarenhas, «queria-a mais nos perigos do mundo, que nos seguros da Religião. Este mesmo desordenado effeyto o obrigou a dizer à Raynha D. Luiza de Gusmaõ, (...), apontando à filha: Veja Vossa Magestade se he rosto para encerrarse em huma clauzura; não foy sò D. Antonio o comprehendido nesta opiniaõ, antes são poucos aquelles a quem não pareça mal dada huma filha de prendas pessoas ao estado de freira, aquillo que achão digno emprego de hum homem, desviaõ para emprego de hum Deos»⁶⁰. Apesar de Soror Helena da Cruz vir alimentando, desde criança, o desejo de se tornar religiosa, o certo é que, durante os dois anos de noviciado, foi-se debatendo com algumas dúvidas relativamente à sua vocação, suscitadas pelas tentações demoníacas, as quais só terminaram quando

⁵⁸ *Vida, e obras da serva de Deos a Madre Marianna Josefa Joaquina de Jesus... — Op. cit.*, p. 33.
59 POUTRIN, Isabelle – art. cit.

⁶⁰ CÉU, Soror Maria do — *Op. cit.*, p. 137.

estando a Serva de Deos hũa noite já recolhida, abriu os olhos, e vio à sua cabeceyra hum Veneravel Religioso, cujo habito era o dos capuchinhos das barbas, que ainda não hauiaõ fundado neste Reyno, olhou e disselhe: Has de ser minha; logo se fes desaparecido. Percebeo a Noviça ser nosso Padre S. Francisco, assim pella estreiteza do habito, como pellas palauras que lhe dissera, e principalmente pella mudança que lhe ficou no coração; ficou trocada, e tanto, que com mayor anciã dezejaua ja a profissão do que tinha anhelado o seculo. Quanto o demônio trabalhou em dous annos desfes Deos em hum instante; quanto o Mundo trassava em vans conveniencias, desfes S. Francisco em hũa palaura⁶¹.

Quando Helena comunicou a seu pai

a resolução de ser freiras, aqual lhe ouvio com muyto desgosto; amava muyto a esta filha, e presumio que tendo-a no mundo a tinha mais sua⁶².

Por sua vez, D. Isabel de Mendanha, mãe da Madre Brizida de Santo António, opunha-se a que a filha seguisse a vida monástica, pois esta, após a morte do seu filho, era a única herdeira do seu património, tendo por isso procurado casá-la. Devido a este obstáculo familiar, Brízida planeou fugir para o convento da Anunciada de religiosas dominicanas; o seu sentimento religioso foi crescendo e sendo incentivado graças à rede de comunicação que a jovem foi estabelecendo com o «beato» António da Conceição, o que culminaria com a sua entrada no convento das Madres Inglesas, contra a vontade da mãe.

Parece-nos também importante notar, como uma ampla bibliografia já realçou, que as várias propostas de casamentos apresentadas pelos pais das nossas biografadas originam uma das «lutas» mais comuns nas hagiografias e nas biografias devotas: o dilema entre a opção pelo casamento e a vida «no século», invocado por motivos familiares, económicos ou políticos⁶³, e o «estado religioso», entendido por estas meninas como o meio mais adequado para alcançar a perfeição cristã e a «santidade».

No caso de Soror Mariana do Rosário, a vocação religiosa parece ter sido transmitida hereditariamente pela mãe, já que esta não a pode concretizar, em virtude da imposição ditada pelo estado do casamento:

⁶¹ CÉU, Soror Maria do — *Op. cit.*, p. 138.

⁶² CÉU, Soror Maria do — *Op. cit.*, p. 139.

⁶³ Como sublinhou Robert Folz, os motivos de ordem política ou institucional surgem, sobretudo, nas «Vidas» de rainhas, princesas ou infantas «santas», como um obstáculo incontornável no sentido da concretização efectiva da sua vocação religiosa. Quando aquelas são obrigadas a optar pelo casamento e a vida secular, não deixam, todavia, de adoptar um comportamento de raiz monástica, que se traduz, na pratica das virtudes cristãs, na fundação de casas religiosas, hospitais, ou outras instituições, como as misericórdias, ou no papel de agentes pacificadoras. Veja-se Robert FOLZ – *Les Saintes Reines du Moyen Âge en Occident (VI-XIIIe siècles)*, Bruxelles, société des Bollandistes, 1992.

«Maria de Oliveyra, que da lembrança não perdia a religiosa vida, que pretendia, querendo moderar esta saudade com substituir em o mesmo Convento hũa prenda de sua geração, desejava lhe concedesse o Ceo hũa filha, para lhe dedicar nella a profissão do estado religioso, que não pudera conseguir em si»⁶⁴.

Além disso, o biógrafo envolve o nascimento de soror Mariana numa aura de predestinação, na medida em que este se deveu às orações da sua mãe e de uma amiga desta, soror Mariana do Salvador, religiosa no convento do Salvador, de Évora, a quem aquela prometera «que se o Senhor fosse servido concederlhe a filha que desejava, lhe havia de pôr o nome de Marianna em memoria sua, & a havia de fazer Freira em aquelle Convento»⁶⁵.

4. De um modo geral, os biógrafos subordinam-se aos mesmos tópicos quando procedem ao relato sobre a infância e a adolescência das protagonistas. Este discurso narrativo tem a ver com o fato de, desde há muito, a hagiografia ter institucionalizado estes *topoi*, mas também com a importância que a apresentação dos primeiros anos de vida do futuro «santo» foi adquirindo no âmbito dos procedimentos processuais que tinham em vista a sua beatificação ou canonização⁶⁶. Por outro lado, é importante sublinhar que a valorização das virtudes morais, das práticas espirituais e devotas e do comportamento infantil e juvenil das biografadas reflete a introdução, no domínio da santidade, de uma codificação de modelos que se inscrevem no processo de profunda redefinição da santidade delineado pela Igreja pós-tridentina. Com efeito, em 1588 foi criada a Congregação dos Ritos Sacros e das Cerimónias, a qual contribuiu para a reafirmação da autoridade papal no reconhecimento da santidade, através da fixação dos critérios e dos procedimentos que permitiriam à Cúria ratificar o culto oficial dos novos santos. Durante o pontificado de Urbano VIII, são

⁶⁴ Fr. António de ALMADA – ob. cit., 5.

⁶⁵ Fr. António de ALMADA – ob. cit., 5.

⁶⁶ Vejam-se, a propósito, as afirmações de Jean-Michel SALLMANN (1994), em *Naples et ses saints à l'âge baroque (1540-1750)*. Paris: PUF, p. 238) sobre este assunto: «Dans l'enquête en béatification, la présentation des premières années du futur saint a (...) une fonction bien précise, celle d'établir la catholicité de sa naissance ou, à tout le moins, l'honnêteté de son ascendance ainsi que la haute teneur morale de sa formation. En théorie, le futur saint n'a aucune raison d'être élu dès sa naissance. Mais comme les hagiographes éprouvent des difficultés à réunir des informations cohérentes sur cette période reculée de l'avie de leur héros – hormis, dans le meilleur des cas, un extrait de registre de baptême ou une chronique familiale –, ils se prêtent souvent à des reconstitutions "historiques" au long desquelles ils se laissent emporter facilement par leur pieux enthousiasme. D'après ce scénario idéal – disons la norme –, leur champion a commencé à exercer les vertus chrétiennes dans le ventre même de sa mère».

então definidas (e promulgadas nos decretos de 13 de Março de 1625 e de 5 de Julho de 1634) novas normas para admissão às canonizações, tal como a regra que consagrava que o início de um processo para atribuição do título de santo a alguém só poderia ocorrer cinquenta anos após a sua morte⁶⁷. Esta progressiva centralização e burocratização da vigilância em torno do culto dos santos favoreceu uma certa cristalização das representações dos modelos de santidade: com efeito, a figura do santo da Contra-Reforma foi sendo alvo de uma certa «despersonalização» e perspetivada numa esfera mais «universalista», de forma a que as suas virtudes pudessem ser reconhecidas e imitadas pelos fiéis em todo o orbe católico⁶⁸. De facto, o elemento comum na definição da santidade contra-reformista foi a heroicidade dos servos de Deus no exercício das virtudes cristãs⁶⁹; deste modo, era o alcance deste grau superior que tornava o santo merecedor dos dons divinos. É certo que alguns aspetos que corroboravam o carácter excepcional dos santos, tais como a capacidade de profecia ou a de operar milagres⁷⁰, estavam longe de poderem ser imitados pelos fiéis: mas as virtudes, sobretudo as espirituais e morais, poderiam ser cultivadas,

⁶⁷ Veja-se: BURKE, Peter (1984) — *How to be a Counter-Reformation saint*. In *Religion and Society in early modern Europe. 1500-1800* (ed. by Kaspar von Greyerz). London: George Allen & Unwin, esp. 46-47; CAFFIERO, Marina (1994) — «Tra modelli di disciplinamento e autonomia soggettiva». In *Modelli di santità e modelli di comportamento* (a cura di Giulia Barone, Marina Caffiero, Francesco Scorza Barcellona). Torino: Rosenberg & Sellier, p. 265-281; SODANO, Giulio (1997) — *Il nuovo modello di santità nell'epoca post-tridentina*. In *I tempi del Concilio. Religione, cultura e società nell'Europa tridentina* (a cura di Cesare Mozzarelli e Danilo Zardin). Roma: Bulzoni Editore, p. 189-205. No pontificado de Urbano VIII foi também instituída a categoria dos «beatos», cujo culto apresenta certas particularidades que o distinguem do dos santos canonizados. A este propósito, veja-se DUBOIS, Jacques e LEMAITRE, Jean-Loup (1993) — *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*. Paris: Ed. du Cerf, p. 7: «Depuis le XVII^e siècle, les “bienheureux” sont reconnus comme tels, après un procès égal à celui entamé pour une canonisation. Ils n'ont pas droit à tous les honneurs reconnus aux saints, et leur culte doit rester localisé».

⁶⁸ Esta postura parece-nos, assim, coadunar-se com a própria cultura do Barroco, que difundiu e consolidou a imagem de uma sociedade constituída para a defesa de um sistema instituído para conservar a ordem e que via em cada novidade um perigo. A este propósito, veja-se MARAVALL, Antonio José (1980) — *La cultura del Barroco. Análisis de una estructura histórica*. Barcelona: Ariel, p. 268-306.

⁶⁹ Para além desta condição, os decretos estabelecidos por Urbano VIII determinaram que todos os candidatos a um processo de canonização (à excepção dos mártires) tinham que obedecer a mais dois requisitos: a pureza doutrinária e a intercessão miraculosa *post mortem* (cf. WEINSTEIN, Donald e M. BELL, Rudolph — *Op. cit.*, p. 141-142). Até 1602, a imagem do candidato a santo apresentada nos processos de canonização era a de uma *excellentia virtutum*: é o pedido de canonização de Teresa de Ávila, solicitado a Clemente VIII nesse ano, que inaugura o uso da expressão «virtude heroica». A partir desta data, os procedimentos processuais exigirão a comprovação da prática das «virtudes heroicas», tentando, assim, pôr cobro a certos «abusos» concernentes ao carácter excecional de alguns santos. Veja-se DE MAIO, Romeo (1992) — *L'ideale eroico nei processi di canonizzazione della controriforma*. In *Riforme e miti nella chiesa del Cinquecento*. Napoli: Guida Editori, p. 253-274.

⁷⁰ De acordo com Adriano PROSPERI (1991), no seu estudo *L'elemento storico nelle polemiche sulla santità* (In *Finzione e santità tra medioevo ed età moderna*, [a cura di Gabriella Zari]. Torino: Rosenberg & Sellier, p. 106), o milagre é «una questione cruciale nel rapporto tra vecchi e nuovi modelli di santità: la tradizione agiografica medievale aveva nel miracolo un ingrediente fondamentale, che urtava però – per i suoi aspetti di favola e di magia – la sensibilità della nuova cultura umanistica, sulla quale si erano formato uomini della Riforma e della Controriforma».

à semelhança de muitos «varões e mulheres insignes em virtude», por todos aqueles que desejassem ser perfeitos cristãos.

O disciplinamento e a regulamentação da santidade traduzem assim a afirmação de um código rígido de práticas espirituais uniformes e de um sistema compacto de regras e comportamentos religiosos, que são, por sua vez, o reflexo de um longo processo político e cultural de controlo e de vigilância de todos os aspetos da sociedade.

Artigo recebido em 20/05/2012
Aceite para publicação em 30/06/2012